

O PLURALISMO EM QUESTÃO

CARSON, Donald A. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo*. São Paulo: Shedd, 2013. 608 p.

por Gabriel Giroto Lauter¹

Denso. Talvez essa seja a palavra que melhor descreva a obra *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo*, escrita por Donald A. Carson. Esse adjetivo não está sendo usado com um sentido negativo, pelo contrário, tal descrição tem o objetivo de mostrar que se trata de uma obra rica em conteúdo e profundidade. O livro foi impresso originalmente nos Estados Unidos em 1996, recentemente traduzido para o português por Lena Aranha e Regina Aranha e disponibilizado no Brasil pela Shedd Publicações. Nele, Dr. Carson (que é doutor pela Universidade de Cambridge e um dos mais importantes teólogos evangélicos da atualidade) desenvolve uma defesa de doutrinas fundamentais do cristianismo e um ataque muito bem fundamentado contra o pluralismo.

A obra divide-se em quatro partes. O primeiro capítulo constitui-se de uma introdução ao tema. Nele, define-se brevemente o pluralismo contemporâneo, suas diferentes formas e os desafios que este representa para o cristianismo. É do pluralismo filosófico que se origina o pluralismo religioso radical. O autor demonstra

¹O autor é Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (FBP), mestrando em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP) e trabalha como coordenador de extensão na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: gabriel@batistapioneira.edu.br

as diferenças entre o exclusivismo, o inclusivismo e o pluralismo religioso, definindo este último como o foco principal de seu trabalho.

Na primeira parte da obra é abordada a questão hermenêutica. Carson demonstra que foram as mudanças na hermenêutica que abriram espaço para o pluralismo e para a perda de um referencial com relação à verdade (característica marcante do pós-modernismo). Citando pensadores como Locke, Lyotard, Kierkegaard, Kant, Heidegger, Gadamer e Derrida, apresenta ao leitor uma síntese do desenvolvimento filosófico até o surgimento do “pós-modernismo desconstrutivo” e do abandono à ideia de verdade objetiva. Mostra também como é possível escapar de tal confusão hermenêutica com respostas aos principais princípios da hermenêutica pluralista.

É na segunda parte do livro que o autor trata especificamente do pluralismo religioso. O capítulo quatro inicia-se com a questão da revelação. Carson mostra a importância do reconhecimento da autoridade bíblica. Segundo ele, o apelo da Bíblia à verdade é rico e complexo, incluindo a noção de verdade proposicional, ainda que não esteja limitado a ela. Carson afirma que as afirmações pluralistas via de regra são reducionistas e que a lógica de seus argumentos não é suficiente. Assim como os pluralistas afirmam que a religião é condicionada pela cultura, o mesmo também poderia ocorrer com relação ao pensamento pluralista. Em seguida, Carson cita diversos casos em que os textos bíblicos são analisados de maneira parcial e arbitrária por teólogos pluralistas. Ele mostra que é necessário que a Bíblia seja interpretada através da luz do contexto e dos seus diferentes gêneros literários e que tal atitude não põe em risco a objetividade da revelação bíblica a respeito de Deus.

No capítulo cinco o autor demonstra a importância do conhecimento profundo do enredo da história relatada nas Escrituras para que seja possível uma correta relação de sua mensagem com as situações dos dias atuais. Carson passa a fazer uma descrição de alguns dos relatos presentes da Bíblia. Ele analisa os seguintes: o relato da criação, incluindo os ataques feitos a ele pelo naturalismo filosófico; a criação humana e sua distinção dos demais seres vivos, incluindo a questão da imagem de Deus e uma reflexão sobre a importância da dignidade dos seres humanos; a queda, demonstrando que ela não se encontra presente somente no relato de Gênesis 3, mas em diferentes passagens bíblicas; Deus, demonstrando que Ele é transcendente, soberano e pessoal, pode ser ofendido e requer do ser humano uma prestação de contas por seus atos, mas também é provedor para os seus. Em seguida, aborda a questão do amor de Deus apresentando características deste com o objetivo de distinguir a declaração bíblica do amor de Deus de simples “generalidades sentimentais”.

No capítulo seis, Carson concentra-se na mensagem do Novo Testamento e nos elementos que formam o seu enredo. Ele analisa a relação entre o enredo do Novo Testamento e as posições inclusivista e pluralista. Demonstra que no inclusivismo Cristo é apresentado como ontologicamente necessário, mas que o conhecimento de Cristo não é tido como epistemologicamente necessário. Carson apresenta argumentações bíblicas e teológicas contra tal posição e analisa os quatro textos normalmente apresentados pelos inclusivistas (1Tm 2.3-4; Tt 2.11; 2Pe 3.9 e IJo 2.2) defendendo que, embora esses textos mostrem que a postura de Deus em relação ao mundo é normalmente apresentada como graciosa ou salvífica, as expressões “todos” presentes nos textos dificilmente podem representar “todos sem exceção”. Para Carson, a argumentação inclusivista acaba em uma distorção do amor de Deus, pois não leva em conta de maneira satisfatória a realidade do pecado. Nesse capítulo ele também aborda a complexa questão daqueles que viveram antes de Cristo, mostrando que mesmo os crentes pré-Cristo entraram em um relacionamento de aliança com Deus por meio da revelação. A adoção da instituição do sistema sacrificial e todas as ordens sacerdotais apontavam para Jesus Cristo. Assim, os crentes do Antigo Testamento não estavam apenas exercendo uma “fé genérica”, mas respondendo em fé à revelação especial de Deus.

No capítulo sete é abordada a questão cristológica. O autor apresenta a importância da historicidade do relato bíblico sobre Jesus ao mesmo tempo em que contraria autores que buscam pelo “Jesus histórico” sem apresentar base consistente para suas posições. Merece destaque a análise que Carson faz da obra de John Hick e de sua crítica à doutrina da encarnação de Cristo. Ele demonstra como Hick assume uma postura reducionista ao analisar passagens isoladas das Escrituras para defender suas posições. Da mesma forma, Carson analisa o trabalho de Paul Knitter, pluralista, amigo e seguidor dos passos de Hick, mostrando como Knitter descaracteriza a imagem neotestamentária de Jesus tornando-a multifacetada e artificial. Carson analisa os argumentos de outros teólogos como Vernon White, Panikkar e Douglas Groothuis. Ainda nesse capítulo, o autor trata da questão das duas alianças e salvação e da questão do antissemitismo. Carson mostra que é necessário que Jesus Cristo seja proclamado entre todos os povos, o que também inclui os judeus.

No capítulo oito é apresentada a necessidade do estabelecimento de limites no contexto pós-moderno em que isso é tido como descortês. O autor mostra que se trata de uma questão epistemológica, pois o conhecimento da verdade requer que certos limites sejam estabelecidos.

A terceira parte do livro é formada por dois capítulos e concentra-se na apresentação de aspectos práticos sobre como o cristão deve viver em meio à cultura pluralista. Carson aborda o impacto do pluralismo nos diversos níveis da sociedade (governo democrático, educação, casamento e família, lei, mídia, moral, artes, economia e bioética) e apresenta prioridades que devem ser mantidas pelos cristãos. Com relação à liberdade religiosa, cita situações práticas ocorridas nos Estados Unidos para demonstrar como o relativismo extremo pode representar sinais de perigo contra a própria liberdade religiosa. Ele defende que o pensamento cristão é escatológico, ou seja, a solução verdadeira para os problemas da humanidade encontra-se na derradeira esperança de um novo céu e uma nova terra, ainda que nesse tempo haja uma tensão entre o “já” e o “ainda não”. Após apresentar diferentes opiniões sobre o nível de envolvimento que o cristão deve ter no âmbito social, em especial com a política, Carson deixa clara sua posição de que em uma sociedade democrata o cristão não deve se afastar totalmente da política, mas deve servir como “sal e luz”. Antes de concluir esta parte da obra, ele mostra que mesmo que uma parte substancial da Bíblia possa ser lida de uma perspectiva política, o cristão deve manter o Evangelho como prioridade, pois a fé no Evangelho permanece sendo o fator constitutivo da igreja.

A quarta e última parte do livro mostra como o pluralismo tem se infiltrado no contexto evangélico, considera algumas questões específicas e apresenta uma proposta prática de como a igreja pode evangelizar nesse novo contexto. No capítulo onze, o autor mostra a dificuldade de se definir o “evangelicalismo”. Ele mostra como o termo assume diferentes conotações em diferentes partes do mundo e como cristãos ditos como “evangélicos” têm assumido pressupostos pós-modernos incompatíveis com aspectos fundamentais do cristianismo. Em seguida, trata do problema do “egotismo” que tem sido crescente no contexto evangélico. O autor trata também da valorização excessiva da relevância no contexto da igreja e do movimento da igreja “sensível àquele que busca”. Entre os perigos existentes em tal abordagem, ele cita o abrandamento da mensagem cristã e a supressão da palavra “pecado” do vocabulário. Por fim, Carson trata da leviandade com a qual mesmo os teólogos evangélicos têm lidado com a Bíblia, citando casos de teólogos conhecidos que assumiram um posicionamento liberal com relação às Escrituras. O autor conclui o capítulo demonstrando certa apreensão com relação ao evangelicalismo ocidental e afirmando claramente a necessidade do arrependimento.

No capítulo doze, Carson concentra sua atenção em apresentar indicações

práticas sobre como o cristão pode proclamar o Evangelho em meio à cultura pluralista. Ele mostra que o contexto de Paulo e dos demais apóstolos era altamente pluralista. Assim, utiliza-se do exemplo de Paulo em Atenas (conforme o relato de Atos 17) para mostrar que o apóstolo soube adequar sua pregação ao contexto dos ouvintes sem abrir mão da mensagem principal. Ainda neste capítulo, o autor demonstra a importância do anúncio do evangelho histórico e reflete sobre a tensão entre proclamação e diálogo. O capítulo termina com uma breve lista de pontos práticos que podem ser observados.

No capítulo treze é tratada a doutrina do julgamento final. O autor reconhece a dificuldade em tratar do tema devido à sua complexidade e por se tratar de um assunto “apavorante”. Ainda assim, defende que é algo que não pode ser negligenciado, pois faz parte da mensagem cristã e ignorar tal doutrina pode levar a erros doutrinários como o aniquilacionismo e o evangelismo pós-morte, entre outros. Carson apresenta a doutrina da imortalidade condicional (que é defendida inclusive pelo conhecido teólogo John Stott) expondo e respondendo por meio de diversas citações bíblicas aos principais argumentos dos defensores dessa doutrina.

O décimo quarto é também o último capítulo do livro. Nele, Carson aborda temas como cultura, globalização e contextualização. Ele faz uma breve diferenciação entre as teologias bíblica e sistemática mostrando que a teologia sistemática deve estar alicerçada na teologia bíblica. Como conclusão, Carson afirma que a igreja pode, em uma sociedade pluralista, levantar-se acima do nacionalismo, etnicidade, língua e cultura, formando uma grande família de Deus. O livro é finalizado com um apêndice onde Carson analisa as diferentes formas de espiritualidade existentes na atualidade. Por fim, apresenta algumas orientações práticas para a espiritualidade cristã.

O tamanho da obra e a quantidade de referências presentes no livro refletem a profundidade da pesquisa realizada pelo autor. Fica claro que Carson foi muito feliz ao tratar de um tema complexo como o pluralismo e que se ramifica nas mais diferentes áreas do cristianismo. O leitor perceberá que o autor confere fundamental importância à crença na preservação e autoridade das Escrituras, bem como a necessidade da fé em Cristo para a salvação. Embora adote uma posição de linha evangélica, sente-se à vontade para criticar os posicionamentos assumidos pelos evangélicos contemporâneos.

A profundidade das reflexões filosóficas e a forma como as argumentações são construídas ao longo da obra podem gerar certa dificuldade para o leitor

acostumado com leituras mais simples e objetivas. Por vezes é necessário um alto grau de concentração para que se possa acompanhar o desenvolvimento da argumentação. Entretanto, Carson consegue como poucos apresentar uma resposta à altura das críticas que têm sido levantadas contra o cristianismo e certamente é uma leitura recomendada para aqueles que têm se confrontado com críticos quanto a necessidade da fé em Jesus Cristo para a salvação.